

EM NOME DE DEUS

Os conflitos religiosos e a era moderna

Andrea Flores, Carla Fontana, Juliana Saba e Tamara Schipper

Não há guerras religiosas no século XX. Também conhecidas como guerras santas, as guerras religiosas caracterizam-se por um conflito entre religiões diferentes, lutando em nome suas crenças, e só aconteceram até a Idade Média. O episódio narrado na Bíblia sobre o conflito entre Israel e a Babilônia é um exemplo de uma guerra tipicamente religiosa. Neste caso, o que estava em jogo não era a luta entre dois exércitos e, sim, entre dois deuses: Javé (Deus de Israel) e Marduque (Deus da Babilônia).

As guerras do século XX ainda envolvem questões religiosas, mas os conflitos étnicos, políticos e geográficos são os que predominam. As atuais disputas entre os árabes e os israelenses, por exemplo, são basicamente geográficas, apesar de conterem argumentos religiosos. Os judeus alegam que foi Javé quem lhes deu a Palestina, enquanto, para os árabes, Maomé teria herdado de Alá os direitos sobre a região.

Saddam Hussein conseguiu o apoio da população, quando foi atacado pelos EUA na Guerra do Golfo, alegando ser "defensor" da fé islâmica.

A religião islâmica é a que está mais envolvida em conflitos atuais. O Afeganistão enfrenta uma guerra civil desde a invasão dos soviéticos, em 1979. Na Argélia, os militares destituíram do poder o partido eleito Frente Islâmica de Salvação e instauraram uma ditadura. A guerra entre os dois grupos acontece há 10 anos, e milhares de civis já morreram. A Índia e o Paquistão lutam para controlar a Cachemira. A região, de maioria muçulmana, é controlada, na sua maior parte, pela Índia hinduísta.

De outro lado, protestantes e católicos também se enfrentam. A

Irlanda do Norte, até hoje, vive sob o domínio inglês. Os nacionalistas que querem a separação se uniram sob a religião católica, e usam isto como forma de ataque aos protestantes ingleses – maioria na região.

Entender até que ponto os motivos religiosos são determinantes em uma guerra deste século pode ajudar a desvendar os interesses político-econômicos que estão por trás dela.

Palestina: prometida para quem?

Yehud Barak, eleito o Primeiro-Ministro de Israel, em maio de 1999, é a esperança para o acordo de paz no Oriente Médio. Barak venceu com a maioria dos votos, principalmente pelo fato de já estar negociando a paz no Oriente com Yasser Arafat. Ganhar as eleições foi um passo oficial para a retomada do acordo.

As eleições que estavam previstas para o ano 2000 foram antecipadas devido a algumas decisões tomadas pelo ex-Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu, tais como a expansão de colônias judaicas na Cisjordânia (revogando o decreto assinado entre Itzhak Rabin e a OLP, em 95), o fechamento do escritório da OLP em Jerusalém e a retomada da construção de um túnel que une a Via Dolorosa – caminho que Jesus fez ao ir a cruz – ao Muro das Lamentações, principal santuário do judaísmo, passando sob a Mesquita Al-Aqsa, terceiro lugar mais sagrado do islamismo.

Esses três pontos estão intimamente ligados a Israel. Por que esse pedacinho de terra é tão importante? Na cidade velha de

Jerusalém ficam os lugares sagrados para o judaísmo, islamismo e cristianismo. O Muro das Lamentações, única parede que restou da destruição do II Templo, a igreja do Santo Sepulcro e o Santuário da Pedra.

O Santuário fica perto do Muro e foi construído em torno da "pedra sagrada". Segunda a crença muçulmana, Maomé teria subido, dali, aos céus com o anjo Gabriel e falado com Deus. O profeta teria, inclusive, barganhado as 5 mil rezas diárias "obrigatórias" por apenas cinco, sendo que cada uma valeria por mil. O mesmo lugar é tão sagrado para os judeus quanto para os muçulmanos: Teria sido na "pedra sagrada" que Deus se revelou para Abraão e impediu que seu filho Isaac fosse sacrificado. A partir desse momento, Abraão se tornou monoteísta.

O primeiro e segundo templos judaicos foram construídos ao redor da "pedra sagrada" que passou a ser considerada um altar. Em 691 d.C., os muçulmanos construíram a mesquita de Omar, no lugar do segundo templo que foi destruído.

Nos novos acordos de paz, a questão de Jerusalém não está sendo discutida. O que está em jogo é a Cisjordânia e a faixa de Gaza, ao sudoeste de Israel, que vão ficar sob o domínio dos palestinos. A grande dúvida reside em saber se os muçulmanos vão "esquecer" Jerusalém em prol da paz.

Afeganistão: um país governado pelas leis de Alá

Há quase três anos, o mundo vem tomando conhecimento dos princípios mais fundamentais da religião islâmica. Desde setembro de 1996, o grupo

fundamentalista radical xiita, conhecido como Taliban, conquistou Cabul, a capital do Afeganistão, e a maior parte do território do país.

Esta milícia religiosa surgiu, junto com vários outros grupos, como forma de resistência ao domínio soviético, presente no país desde 1979. Com a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, os soviéticos acabaram por sair do Afeganistão, em 1992, deixando no governo uma coalizão apoiada por eles.

A guerra, no entanto, continuou entre as diversas facções guerrilheiras - que nos anos 80 combateram as forças soviéticas - e o governo apoiado pelos russos. O conflito entre essas facções dura até hoje, apesar da milícia Taliban, com ajuda do Paquistão, ter assumido o poder. A ideologia religiosa fundamentalista do grupo - que ataca principalmente as mulheres e os direitos humanos - se impôs através da violência.

Desde que assumiu o poder, a milícia religiosa Taliban começou a reformar radicalmente o cotidiano dos afegãos, fazendo uma interpretação fanática e primitiva do Corão (o livro da religião islâmica). As mulheres, por exemplo, estão proibidas de trabalhar fora de casa e só podem sair na rua acompanhadas de algum homem e usando o *chaderi*, o longo camisolão que as cobre inteiramente, incluindo o rosto. As poucas escolas para meninas foram fechadas. Os homens tiveram um determinado tempo para deixarem a barba crescer, e foi proibido qualquer tipo de diversão como música, cinema, televisão, jogos de cartas e criar pássaros. Foi adotada também a *sharia*, o severo código penal muçulmano, segundo o qual ladrões têm seus pés e mãos amputados, as mulheres adúlteras e os traficantes de drogas são apedrejados até morrer, e os consumidores de bebidas alcoólicas são açoitados em praça pública. Existe o Ministério da Propagação da

Virtude e de Combate ao Vício que, através de guardas na rua, controla a população.

Foto: Françoise Demulder



No Líbano, cristãos maronitas e muçulmanos mataram-se uns aos outros.

Países muçulmanos que também aplicam a *sharia*, como a Arábia Saudita, o Sudão e o Irã, acreditam que está surgindo no Afeganistão o mais rígido regime islâmico da Terra. Segundo a Anistia Internacional, ocorreram execuções em massa e milhares de pessoas estão desaparecidas. O número de refugiados não pára de crescer

Cachemira: a discórdia entre Paquistão e Índia

A Índia e o Paquistão iniciaram em junho as negociações do processo de paz. No entanto, o governo indiano deixou claro que, enquanto não se chegar a um acordo, os bombardeios aéreos às posições ocupadas por cerca de 600 homens (acusados de mercenários muçulmanos) prosseguirão.

Chegar a um acordo não é tão fácil. Enquanto o Paquistão insiste há algum tempo que a disputa pela Cachemira seja tratada num foro internacional, a Índia sustenta que deve continuar sendo

tratada exclusivamente entre os dois países.

A maior parte da região pertence à Índia (religião hinduísta). Entretanto, a maioria da população é de muçulmanos. Devido a isso, os paquistaneses julgam que esse pedaço de terra deve fazer parte de seu território.

A disputa política e territorial entre a Índia e o Paquistão é antiga: três guerras já estão no currículo histórico desses países - desde que tornaram-se independentes da Grã-Bretanha, em 1947. As tensões foram reacendidas no ano passado, com os testes nucleares feitos pela Índia. O Paquistão respondeu na mesma moeda.

Apesar dos apelos das cinco potências nucleares - membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas -, tanto a Índia quanto o Paquistão não se incorporaram ao movimento de controle

armamentista, especificamente ao tratado de Proscrição Total de Testes Nucleares (CTBT). Os dois alegaram que esse tratado é discriminatório porque permite que apenas alguns tenham armas atômicas.

Irlanda do Norte: cristãos em conflito

A ilha da Irlanda tem sido palco de batalhas entre os conquistadores ingleses e a população nativa há vários séculos. Desde a ocupação britânica, em 1800, os imigrantes (protestantes) se colocaram de um lado, e os irlandeses (católicos) se colocaram de outro. A dominação inglesa na Irlanda significava, portanto, a imposição do protestantismo sobre o catolicismo local.

As tentativas de independência se destacaram a partir de 1916, quando foi proclamada a República da Irlanda. No final da I Guerra Mundial, a criação do IRA (Exército Armado Irlandês) reforçou a luta pela autonomia da região. Em 1920,

a Inglaterra dividiu a administração da ilha em dois governos locais: em Dublin, ao Sul e Belfast, ao Norte. Ambos teriam certa autonomia, mas ainda estariam subjugados ao Reino Unido.

A decisão não agradou à população da Irlanda do Sul e, em 1921, a Inglaterra foi obrigada a repensar sua dominação na região. Em 1949, a Irlanda do Sul conquista a independência total, proclamando a República da Irlanda.

A Irlanda do Norte, no entanto, continuou como uma das quatro províncias do Reino Unido. Com a maioria da população de protestantes, ao Norte da Irlanda interessou mais a subordinação à Inglaterra (país cuja religião oficial era o protestantismo). Em 1921, três quartos da população da Irlanda do Norte eram de protestantes. Ao contrário, a minoria católica queria integrar a República da Irlanda.

Como maioria, os protestantes possuíam maior representatividade no Parlamento e, durante décadas, discriminaram econômica, política, educacional e culturalmente a parte católica da população. Até a década de 70, o princípio do direito universal ao voto era limitado: somente cidadãos que residiam num mesmo endereço por mais de sete anos podiam votar. A parte pobre da população, os católicos, era a mais atingida com isso: a procura por melhores salários fazia com que tivessem de estar sempre mudando de região, perdendo o direito ao voto. Em resumo, todo o processo eleitoral na Irlanda do Norte, até 1971, favorecia os protestantes e, conseqüentemente, os interesses ingleses de dominação. Neste período, a discriminação dos católicos é radicalizada. Até mesmo seu acesso à saúde e à educação era limitado e as oportunidades de emprego eram escassas. Muitas cidades da Irlanda do Norte eram literalmente divididas entre o setor católico e o protestante, divisão nítida principalmente na arquitetura.

A primeira vez que a minoria católica se rebelou foi em 1968, e em 1969 sua violenta reação já assustava. Foi quando as tropas britânicas intervieram na Irlanda do Norte. Até hoje, a paz não chegou à região. As tentativas de acordo

RELIGIÕES

Hinduísmo

Religião politeísta, surgiu na Índia, a partir de 2.000 a.c.. Os Vedas, quatro livros que fundamentam a religião, contêm suas verdades eternas. O objetivo do hinduísmo é atingir o nirvana, a sabedoria resultante do conhecimento de si mesmo e de todo o universo. Para isso, o hinduísta precisa superar o ciclo das reencarnações. Brahma é o Deus principal. O status espiritual do homem é determinado pela casta em que se encontra e é o seu carma. Cada casta tem o seu próprio direito e deveres espirituais e sociais. Atualmente, o hinduísmo tem cerca de 600 milhões de adeptos.

Islamismo

Religião monoteísta baseada nos ensinamentos do profeta Maomé (570-632 d.C.). A palavra islã significa submeter. Segundo os muçulmanos, seguidores do islamismo, o livro do Corão contém a mensagem de Alá, revelada a Maomé. Os muçulmanos estão divididos em Sunitas, seguidores da tradição do profeta, e os Xiitas, partidários de Ali, marido de Fátima, filha de Maomé. O objetivo desta religião é subjugar o mundo e regê-lo pelas leis islâmicas, além de destruir todos os inimigos do Islamismo (judeus e cristãos). Todo o muçulmano deve, segundo as Colunas Religiosas (práticas religiosas), recitar o credo islâmico, fazer as preces cotidianas cinco vezes ao dia, fazer o Ramadã (durante um mês as pessoas jejuam desde o nascer até o pôr-do-sol), pagar o zakat (imposto anual de 2,5% do lucro pessoal, como forma de purificação e ajuda aos pobres) e peregrinar para Meca pelo menos uma vez na vida. Atualmente, o islamismo é a segunda maior religião do mundo, com cerca de 935 milhões de adeptos.

Judaísmo

Primeira religião monoteísta da humanidade. Surgiu antes do cristianismo e do islamismo. Possui forte característica étnica, na qual nação e religião se mesclam. O texto da Bíblia judaica é fixado no final do século I. Os rabinos são pessoas habilitadas a comentar textos sagrados e a presidir cerimônias religiosas, que acontecem nas sinagogas.

Cristianismo

Monoteísta, nasceu do judaísmo. Segue a doutrina da morte e da ressurreição de Cristo. Apesar de crer em um Deus único quanto a sua natureza, admite três realidades distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O sentido transcendente, que coloca Deus acima de toda a criação e o sentido pessoal - uma comunidade de pessoas - são características da teologia cristã. O cristão é incorporado a Jesus Cristo através da cerimônia do batismo. A divisão da Igreja Católica começou na Idade Média. O catolicismo romano respeita o líder que está em Roma, o Papa, enquanto o ortodoxo respeita os líderes que estão no Oriente. Como a religião nasceu no Oriente, os ortodoxos acreditam que a autoridade deve permanecer lá. O sinal da cruz também é feito de forma diferente: os ortodoxos o fazem da direita para a esquerda.

Protestantismo

Movimento cristão que surgiu com a Reforma Protestante, iniciado pelo teólogo Martinho Lutero, no século XVI. Para o Protestantismo, só a fé pode ser o elemento fundamental para a salvação. Lutero luta contra os abusos da Igreja da época, abole a confissão obrigatória, o jejum e o celibato clerical, além do culto à Virgem Maria e aos santos. Os sacramentos do batismo e da eucaristia são mantidos. A igreja Protestante também é conhecida como Evangélica e reivindica, acima de tudo, a reaproximação da Igreja com o Cristianismo primitivo. Há cerca de 500 milhões de adeptos em todo o mundo e o Brasil reúne o maior número de protestantes da América Latina: cerca de 13 milhões.

envolvem principalmente a Inglaterra, especialmente após o episódio conhecido como o Domingo Sangrento, em 1972. Na ocasião, soldados britânicos abriram fogo contra 20.000 católicos de Derry, matando 13 pessoas.

Tanto católicos quanto protestantes fazem parte da religião cristã. Por isso não se pode dizer que o que

ocorre na Irlanda do Norte é uma guerra religiosa. Não há dúvida de que existam argumentos e justificativas religiosas no conflito na Irlanda do Norte: de um lado os protestantes, de outro os católicos. Mas a divisão também poderia ser feita da seguinte maneira: de um lado os conquistadores, do outro os conquistados. ◀